



**SEMEANDO
O FUTURO**

SEMEANDO O FUTURO

**Uma abordagem sobre
os procedimentos adequados
referentes à educação dos filhos**

**De autoria de
Isaac Dichi**

Rabino da Congregação Mekor Haim

**Baseado no livro
“Zeriyá Uvinyan Bachinuch”
de autoria do Rabino Shelomô Wolbe**

Editado pela Congregação Mekor Haim
Rua São Vicente de Paulo, 276
São Paulo SP - Brasil
Fone: 826-7699
Shevat 5760

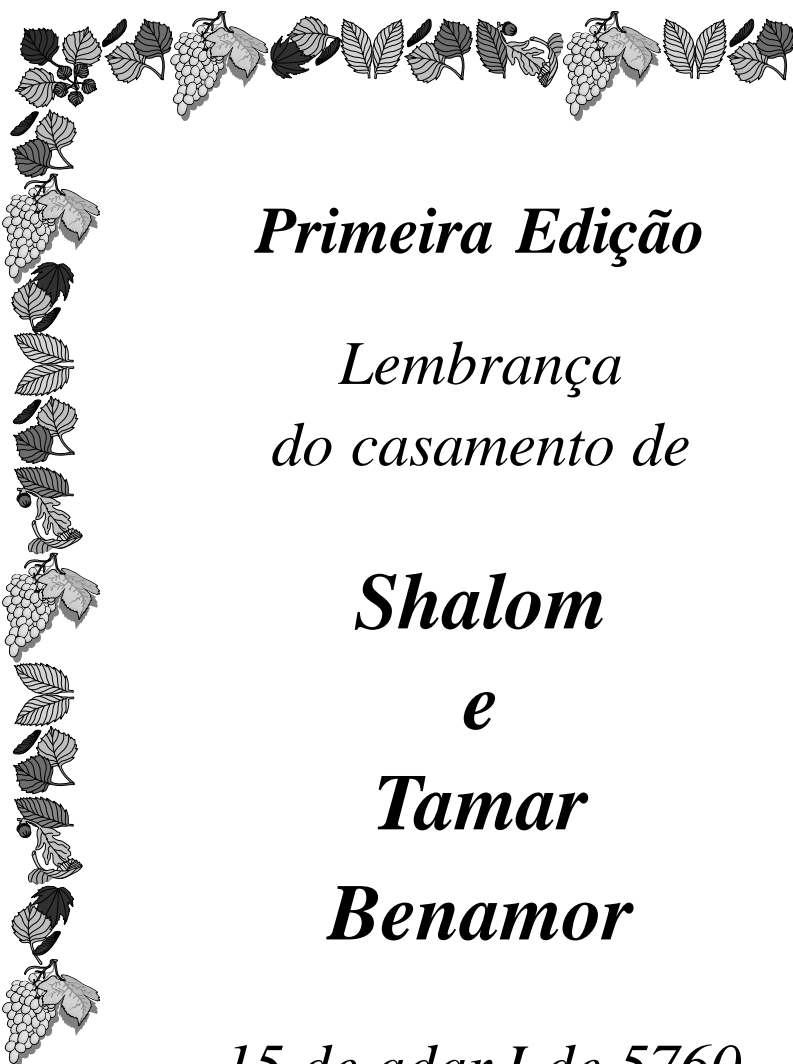
Autor:

Rabino Isaac Dichi

Redação, revisão
e diagramação:

C.P.D. Mekor Haim (Saul Menaged,
Ivo Koschland e Geni Koschland)

Impressão e acabamento: Book RJ



Primeira Edição

*Lembrança
do casamento de*

*Shalom
e
Tamar
Benamor*

*15 de adar I de 5760
20 de fevereiro de 2000*

ÍNDICE

Prefácio	7
Introdução - A Educação Vista Pela Torá	9
Semear e Construir	15
Brincadeira É Coisa Séria!	25
Educação Rígida	31
Pensando na Adolescência	42
Tendência Natural	47
Dois Princípios Básicos	54
Punições	64

PREFÁCIO

Temos a grata satisfação de apresentar ao público o livro “Semeando o Futuro”, que trata de vários aspectos importantes sobre a educação dos nossos filhos. Esse compilado é o resultado de parte de um ciclo de aulas realizado na Congregação Mekor Haim. Nessas aulas, foi lido e comentado o livro “Zeriá Uvinyan Bachinuch”, de autoria do Rabino Shelomô Wolbe *Shelita*. Agradecemos ao Sr. Saul Menaged pela anotação dos *shiurim* gravados em fitas cassete e à Sra. Geni Koschland pela meticulosa revisão do texto.

O Rabino Shelomô Wolbe é discípulo da famosa *Yeshivá* de Mir. Ainda na Europa, teve oportunidade de colher pessoalmente ensinamentos do Rabino Yerucham Levovits *zt”l*. Extremamente sensível aos problemas da nossa geração, o *Rav* Wolbe é considerado hoje o mestre dos *mashguichim* das *yeshivot*. Conhecedor profundo das nuances da alma, é o educador por excelência.

O *Rav* Wolbe também é autor das seguintes obras: “Alê Shur”, um guia para o mundo da *Torá*, “Ben Shêshet Leassor”, palestras realizadas para os membros da Força Para a Defesa de Israel, *kibutsim* e grupos seculares,

“Adam Bicar”, uma biografia do *Rav* Yerucham Levovits (o guia espiritual da *Yeshivá* de Mir), com uma introdução a seu sistema de pensamento, e “Educação Para o Judaísmo” (em sueco).

Estamos certos de que esta obra será de grande valia para os pais que desejam estudar profundamente a matéria. Com a ajuda de D’us, quando colocarem em prática estes ensinamentos, serão bem-sucedidos na educação de seus filhos, garantindo a continuidade de sua família e de seu povo.

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

RABINO SHELOMÔ WOLBE - BREVE BIOGRAFIA

Rav Shelomô Wolbe, filho do Prof. Dr. Euger Wolbe, nasceu em Berlim em 1914. Após sua graduação no ensino secundário no Friedrichs-Werder-Gymnasium, frequentou as eminentes *yeshivot* de Frankfurt, na Alemanha, e Montreux, na Suíça. Prosseguiu, então, para sua formação principal de *Torá* na *Yeshivá* de Mir, na Lituânia. Durante a Segunda Guerra Mundial, serviu como rabino e educador na cidade de Estocolmo, Suécia, e como o representante do Comitê Emergencial da União dos Rabinos Ortodoxos dos Estados Unidos e do Canadá. Nos trinta e quatro anos seguintes foi o diretor da *Yeshivá* Beer Yaacov. Ao se aposentar, iniciou uma nova carreira, como conferencista em duas importantes *yeshivot* em Jerusalém e no Beth Hamussar (o Centro de Ética da *Torá*) que ele fundou em 1982.

INTRODUÇÃO

A EDUCAÇÃO VISTA PELA TORÁ

O patriarca Avraham é o paradigma da educação. É o personagem que representa a educação no judaísmo, conforme consta na *Torá* (Bereshit 18:19): “*Ki yedativ lemáan asher yetsavê et banav veêt betô acharav veshameru dêrech Hashem laassot tsedacá umishpat, lemáan havi Hashem al Avraham et asher diber alav* – Eu o amei, porque ele ordena a seus filhos e à sua casa depois dele que guardem o caminho de *Hashem* praticando caridade e justiça, para que *Hashem* traga para (a descendência de) Avraham o que disse sobre ele.”

De todas as virtudes de Avraham, a ressaltada por D’us foi o fato de Avraham transmitir adiante Seus ensinamentos.

Examinemos agora, um dos muitos personagens importantes da nossa história: Iyov.

O livro de Iyov (que faz parte do *Tanach*) começa com a seguinte passagem (Iyov 1:1): “*Ish hayá veêrets Uts, Iyov*

shemô, vehayá haish hahu tam veyashar virê Elokim vessar merá – Havia um homem na cidade de Uts que se chamava Iyov, e este homem era íntegro, correto, temente a D’us e afastava-se do mal.” O Rabino Shemuel Pinchassi *Shelita* levanta a seguinte questão (Imrê Shêfer vol. II, pág. 10): Por que, apesar de todas as qualidades citadas a respeito de Iyov, ele não é considerado exemplo de educação e transmissão das *mitsvot* da *Torá*? A explicação surge alguns versículos adiante (1:4): “*Vehalechu vanav veassu mishtê bêt ish yomô, veshalechu vecareú lishlôshet achyotehem leechol velishtot imahem*” – Seus filhos tinham o costume de organizar festas, cada vez na casa de um deles, e convidavam suas três irmãs para comer e beber com eles. “*Vayhi ki hikífu yemê hamishtê vayishlach Iyov vaycadeshem vehishkim babôker veheelá olot mispar culam, ki amar Iyov, ulay chateú vanay uverechu Elokim bilvavam; cacha yaassê Iyov col hayamim*” (1:5) – Quando terminavam os dias de festa, Iyov mandava trazer seus filhos para santificá-los. Levantava cedo e oferecia *corbanot* (oferendas) por eles, pois dizia: “Talvez meus filhos tenham cometido algum pecado”. Assim agia Iyov todos os dias de sua vida.

A grande diferença entre Iyov e Avraham está no fato de que Avraham ensinava o caminho correto a seus filhos antes que estes chegassem a pecar. Já Iyov, depois que seus filhos realizavam as festas, levantava-se cedo e trazia sacrifícios para perdoar eventuais pecados cometidos.

O Rei Shelomô escreve (Mishlê 22:6): “*Chanoch la-*

náar al pi darcô, gam ki yazkin lô yassur mimena – Ensinava ao jovem o bom caminho, pois mesmo em sua velhice não o abandonará.” Uma orientação clara nos é transmitida pelo Rei Shelomô. É necessário educar desde a infância. Não se deve deixar o tempo passar ou será tarde demais.

Este conceito também nos é ensinado pelo Rei David (Tehilim 127:4): “*Kechitsim beyad guibor, ken benê haneurim*”. David *Hamêlech* compara os jovens a flechas nas mãos do valente: enquanto estiverem em suas mãos, podem ser direcionadas corretamente ao alvo. Assim também, os jovens, enquanto pequenos, podem ser orientados corretamente.

O Rabino Shalom Noach Brazowsky *Shelita*, o *Admor Misionim*, em seu livro sobre educação, “*Bintivot Chinuch*”, cita, do livro “*Noam Elimêlech*”, que a cada geração há uma *mitsvá* específica com necessidade de um reforço especial. Ele explica, então, que há um sinal para podermos saber qual é essa *mitsvá*: a que tiver uma ajuda especial dos Céus para ser concretizada. Através do cumprimento dessa *mitsvá*, existe a possibilidade de irradiar santidade para todos os aspectos ligados ao judaísmo e servir a D’us. Conforme suas palavras, a *mitsvá* específica que necessita um reforço especial em nossa geração é a *mitsvá* de *chinuch* – educação nos caminhos da *Torá*. Pois todos os que trabalham nessa área, de forma séria e dedicada, obtêm grande sucesso e têm em seu trabalho uma grande dose de ajuda dos Céus.

Ele salienta, que todos os que trabalham com *chinuch* devem conscientizar seus alunos de que são filhos de D'us e que pertencem à “legião do Rei”. Este conceito também é mencionado pelo autor do livro “Yessod Veshôresh Haavodá” sobre o versículo (Mishlê 3:11): “*Mussar Hashem, beni, al tim'ás* – A lição de moral Divina, meu filho, não desprezes.” Ele explica este versículo da seguinte forma: “A lição de moral de D'us é: não esqueças que és Meu filho, filho do Rei. Não te comportes de forma que não seja adequada e digna do teu *status* de filho do Rei.” Esta é a lição de moral mais profunda que pode estremecer nossas almas; até mesmo a alma de uma criança que está se iniciando no *chinuch*. Isto a comprometerá a ter um comportamento exclusivo de um filho de rei, que deve guardar e zelar por Suas ordens da melhor forma possível.

O educador deve ainda enfatizar a seus filhos e discípulos a doçura que a *Torá* possui. Deve despertar, na criança, o sentimento de que os prazeres materiais não têm valor frente ao prazer sublime da luz da *Torá*.

Trazemos a seguir, um quadro cronológico educativo para os primeiros anos da infância extraído do livro “Chanoch Lanáar”, de autoria do Rabino Shaul Wagschal.

A idade certa para a educação depende da capacidade de entendimento da criança e de seu amadurecimento. Deve-se consultar a tabela a seguir, levando isso em consideração.

Quando a criança começa a andar ou um pouco antes:

- Fazer *netilat yadáyim* ao acordar.
- Usar *kipá* (contanto que não fique caindo).

Quando a criança começa a falar, ensinar os seguintes *pessukim*:

- “*Shemá Yisrael Hashem Elokênu Hashem echad.*”
- “*Torá tsivá lánú Moshê morashá kehilat Yaacov.*”
- “*Modê ani lefanecha Mêlech chay vecayam shehechezarta bi nishmati bechemlá; rabá emunatecha.*”

Entre 2 e 3 anos e quando a criança já obedece seus pais:

- Ensinar os “*lô taassê*” (preceitos de “não faça”), como não acender a luz no *Shabat* e *yom tov*, não mexer em *muctsê* (objetos proibidos de serem movidos no *Shabat* e *yom tov*), não comer coisas proibidas, etc.

Entre 3 e 4 anos:

- Ensinar o *alef-bêt* para que saiba de cor.
- Ensinar algumas *berachot*, como *Shehacol*, *Mezonot*, etc.
- Vestir no menino o *tsitsit*.
- Ensinar sobre o conceito de verdade e mentira.
- Fazer a criança prestar atenção no *Kidush* e na *Havdalá*.

Entre 4 e 5 anos:

- Começar a ler hebraico.
- Ensinar o conceito da existência de D’us em palavras

simples. Por exemplo: D'us criou tudo, está no Céu, protege-nos.

- Ensinar a fazer bondades, ter virtudes, ensinar a dar as coisas.
- Despertar na criança a importância de que os objetos possuem proprietários e que é proibido pegar coisas que não lhe pertencem sem permissão.
- Ensiná-la a usar uma linguagem bonita.
- Ensinar preces curtas para que tanto meninos como meninas as recitem pela manhã e à noite antes de dormir.

Entre 5 e 6 anos:

- Os meninos começam a aprender *Chumash* e rezar em horários fixos.
- Enfatizar a proibição do *lashon hará* (maledicência).
- Exigir que se expresse de maneira clara, precisa.

Isaac Dichi

Rabino da Congregação Mekor Haim

SEMEAR E CONSTRUIR

Segundo os conceitos judaicos, a educação dos filhos é uma tarefa prioritária. Esse trabalho, quando bem sucedido, garante a continuação do Povo de Israel e de sua Torá.

Nos lugares em que existe a verdadeira educação judaica – onde se investe nela, tanto financeiramente como em pessoas que conhecem bem o assunto – há uma garantia para a continuação do nosso povo.

O ensino é uma obrigação que recai tanto sobre o pai quanto sobre a mãe. Nenhum dos progenitores deve se eximir desta função, atribuindo-a exclusivamente ao outro; ela deve ser realizada em conjunto. Posteriormente, analisaremos também a função da escola; mas, a educação é, em princípio, uma atividade que cabe aos pais.

Por outro lado, já que a educação dos filhos é uma obrigação dos pais, D'us incutiu neles um desejo natural de educar. Ou seja, pela própria natureza, os pais querem educar seus filhos da melhor forma. Mas, para que alcancem este objetivo, precisam estudar o assunto. Certamen-

te não conseguirão os melhores resultados apenas seguindo seus instintos. Devem aprender daqueles que estudaram, pesquisaram e se aprofundaram no tema. Somente estas pessoas podem transmitir como usar esta natureza – o desejo de bem educar – da melhor forma.

Assim, apesar de ser algo inato aos pais, a maneira de educar é uma “sabedoria profunda”. Não se pode menosprezá-la, mas sim encará-la com prioridade.

A sabedoria do ensino exige aprendizado e muita atenção. Quando D’us adverte os egípcios para recolherem seus animais para suas casas, antes de enviar a praga do granizo, consta na *Torá* a seguinte passagem (Shemot 9:20-21): “Aquele que temeu a palavra de *Hashem* dentre os servos do Faraó, fez fugir seus servos e seu gado a suas casas. E quem não prestou atenção à palavra de *Hashem*, deixou seus servos e seu gado no campo.” A *Torá* inicia esta passagem utilizando a expressão “aquele que temeu”. Posteriormente, ao invés de “e quem não temeu”, está escrito “e quem não prestou atenção”. Isso nos ensina que aquele que ficasse atento (refletisse e procurasse a verdade), chegaria ao nível de *yerê Hashem* (temente a D’us). Não se consegue atingir este nível sem a devida atenção. O mesmo acontece em relação à educação. É impossível aprender esta tarefa sem se ocupar dela mais demoradamente! Todos os sentidos devem permanecer bem atentos para aprender como educar os filhos.

Depois deste empenho pedimos, então, para que *Hashem* nos coroe com sucesso.

Devemos procurar conhecer as atitudes que fazem parte da educação correta e quais as que são prejudiciais. Existem comportamentos que contrariam o bom senso e produzem conseqüências indesejáveis. Eles precisam ser analisados e esclarecidos. Há vezes em que os pais tomam atitudes imaginando estarem colaborando com a boa educação, mas, após uma análise minuciosa, verifica-se o contrário. Tais atitudes não trarão bons resultados no futuro e, por vezes, são enquadradas como totalmente negativas. É necessário elucidar por que essas atitudes são erradas e o que seria recomendado como ideal.

Em nossos dias há escassez dessa consciência, tão importante, de que educação é uma sabedoria, uma matéria a ser estudada. Por vezes, até mesmo entre os educadores ocorre esse engano.

É necessário compenetração e reflexão profunda para praticar uma educação positiva. Ter consciência exata de quais atitudes são positivas e quais são negativas.

Analisaremos, a seguir, dois conceitos básicos: “semeiar” e “construir”.

Quando o homem semeia, reza para que D’us envie a chuva benfazeja. Depois, espera que as plantas cresçam por si mesmas. Outra situação é a construção de uma edificação. A primeira é a mais fácil. Requer menos esforços. Joga-se a semente e ela germina. Quando se constrói é diferente: é necessário assentar os alicerces, cimentar cada tijolo, fazer o acabamento.

Diariamente, na oração da *Amidá*, rezamos três vezes pela reconstrução de Jerusalém. Dizemos “*bonê Yerushaláyim*” – Aquele que constrói *Yerushaláyim* – e em seguida recitamos “*matsmiach kêren yeshuá*” – Aquele que semeia (faz brotar) a glória da salvação. Na primeira referência pedimos que D’us “construa” Jerusalém e na segunda, que *Hashem* “semeie” o Mashiach.

Semear e construir são duas atividades completamente diferentes. Semear é algo natural. Toda a natureza foi instituída e é comandada por D’us, apesar de ser uma relação encoberta, sutil. Em alusão a isso, as palavras “*hateva*” (a natureza) e “*Elokim*” possuem o mesmo valor numérico somando-se suas letras (86). Assim, semeia-se e, com a chuva, a planta germina. Uma árvore, ou uma flor, cresce “por si só”. Uma construção é algo que a pessoa faz; participa da elaboração em todos os momentos.

Uma edificação, que é de pouca duração, exige um bom planejamento, esforço e acompanhamento constante. Quanto mais dedicação requer a educação de uma criança! Esta tarefa representa o desenvolvimento da sua alma, sua parte espiritual e material. Aqui também existe a necessidade de um planejamento: fundar os alicerces, construir cada andar, fazer o acabamento.

Estes conceitos, de semear e construir, também se aplicam à própria atividade Divina. O Criador guia Seu mundo segundo essas duas características, semeadura e construção. Dessa forma Ele conduz o mundo até sua finalidade, como Ele deseja. Por um lado Ele constrói, com

uma providência especial sobre cada um de nós. Por outro lado, preocupa-Se com que o Mashiach, pertencente à família de Ishay e do Rei David, seja “semeado” e “cresça” de uma forma natural. Assim, todas as vezes que nos referimos à redenção do Povo de Israel, usamos o conceito de *tsemichá* – germinação, sementeação. Na oração da *Amidá*, por exemplo, recitamos: “*Mêlech memit umchayê umatsmiach yeshuá* – O Rei que faz morrer e reviver e faz germinar a salvação.” *Tsêmach*, derivado de *tsemichá*, é também um dos nomes do Mashiach, conforme consta (Zecharyá 3:8): “*Ki Hineni mevi et avdi Tsêmach* – Eis que Eu trarei o meu servo Tsêmach”.

Estes dois conceitos, sementeação e construção, também estão relacionados com as obrigações espirituais dos homens. Encontramos uma referência sobre isso logo no começo da famosa obra do pensamento judaico “*Messilat Yesharim*”, de autoria do *Rav* Moshê Chayim Luzzatto *zt”l*. Esse livro começa com a seguinte passagem: “A base da *chassidut* e a raiz do trabalho íntegro a D’us é que fique claro e evidente ao ser humano quais as suas obrigações no mundo.”

Chassidut é o mais alto nível que a pessoa pode atingir segundo os conceitos de *Torá* e *mitsvot*. *Chassidut* é um processo posterior à *tsidcut*. Alguém que faz tudo o que estipula a lei judaica é chamado de *tsadic* – justo. Já alguém que vai além disto, é chamado de ‘*chassid*’. Estas são duas fases no processo de desenvolvimento espiritual do homem.

O que explica o “Messilat Yescharim” ao começar com as palavras “a base da *chassidut*...” é que, para se atingir a *chassidut*, é necessário uma base. Esta base é que o homem saiba quais são as suas obrigações, porque não é possível servir ao Criador com integridade sem que se conheça quais os seus deveres.

Quando lemos as primeiras quatro palavras dessa obra de uma forma superficial: “*Yessod hachassidut veshôresh haavodá* – A base da *chassidut* e a raiz do trabalho íntegro”, podemos chegar a uma conclusão errada. Podemos pensar: “Isso foi apenas uma forma de expressão! Já que o *Rav* Moshê Chayim Luzzatto quis iniciar sua obra com uma alusão ao nome de D’us – o que é maravilhoso – conseguiu fazer com que as primeiras letras das primeiras palavras formassem o tetragrama que compõe o nome de D’us: *yessod* (*yod*), *hachassidut* (*hê*), *veshôresh* (*vav*), *haavodá* (*hê*). Ele encontrou quatro palavras bonitas que formam o nome de D’us!”

Mas será que essa foi a única intenção do *Rav* Moshê Chayim Luzzatto – um gigante do pensamento judaico?! Será que sua principal intenção foi escrever algo que soasse bonito ou parecesse elegante? Quem começa a estudar a obra dessa forma, sem procurar um significado próprio e profundo para as palavras, não conseguirá entender, desde o início, a intenção do autor.

O *Rav* Luzzatto quis, com estas quatro palavras, transmitir que também em relação ao serviço a D’us existem dois processos – sementeação e construção. “A base da *chassidut*”

refere-se a um trabalho de construção e “a raiz do trabalho íntegro” refere-se a um trabalho de sementeação.

A *chassidut* é o maior nível a que pode chegar a construção de um ser humano; e toda construção precisa de uma base. Para conseguir uma construção plena da personalidade é necessário um investimento na alma. Precisa-se fixar alicerces, uma base, sem a qual não se chega a nada. Quanto mais alta a construção, mais profundas devem ser as fundações.

Tratando da *chassidut*, o “*Messilat Yescharim*” usou a palavra base, relacionada com o conceito de construção. Já em relação ao serviço Divino, utilizou a palavra “raiz”, que está relacionada com o conceito de sementeação. Quis, com isso, esclarecer que o serviço Divino é um processo natural dentro do ser humano, mas que necessita uma raiz, sem a qual não há o crescimento.

O autor, portanto, com as quatro palavras iniciais da obra, transmite a idéia de que, na busca do nível de *chassidut* e no serviço a D’us, que são tarefas espirituais, existem estes dois componentes, a construção do perfil espiritual e a sementeação do serviço.

O que a pessoa semeia dentro de si é o que vai crescer durante os anos da sua vida. O amor pela *Torá*, por exemplo, ou a ganância material...

O servir a D’us é algo natural, que cresce depois de semeado. Apesar disso, os níveis que a pessoa atinge durante sua vida e sua personalidade, precisam ser construídos diligentemente. A cada período é necessário realizar um

balanço para verificar se houve o esperado crescimento espiritual.

Em *Rosh Hashaná* não há *Viduy*, a prece de confissões para D'us sobre os pecados. É um dia designado para o reconhecimento da soberania de D'us, no qual aceitamos o jugo Divino. Esta é a semente que plantamos para o ano seguinte.

Há povos que festejam o fim do ano. Nós festejamos o início do ano. Investimos em *Rosh Hashaná* visando o ano seguinte. Quando, no início do ano, a pessoa se comporta com humildade e submissão perante D'us e deseja construir de forma nobre seu perfil espiritual, obterá um ano rico espiritualmente.

Os dois dias de *Rosh Hashaná* constituem um marco importante, do qual germina todo o trabalho espiritual do ano. Se estes dias forem aproveitados para uma conscientização dos deveres espirituais, isso será benéfico para o resto do ano. *Rosh Hashaná* está, portanto, relacionado com a sementeação do serviço Divino.

No dia de *Yom Kipur*, por outro lado, recitamos o *Viduy*, a prece de confissões de nossos pecados para D'us, e procuramos encontrar meios para consertar nossas atitudes erradas. No final desse dia, mais propriamente durante a oração da *Neilá*, tomamos decisões no sentido de corrigir condutas falhas e aceitamos novas obrigações para construir uma personalidade melhor durante o ano. *Yom Kipur* está, portanto, relacionado com a construção do perfil espiritual.

Conforme esses conceitos, de construção e sementeira, transmitidos nas quatro primeiras palavras do “Mesilat Yesharim”, continua-se estudando a introdução da obra.

Depois desta análise, podemos começar a entender como funciona o semear e o construir na educação dos nossos filhos e na nossa própria educação. Se desejamos que uma criança cresça como alguém que estuda a *Torá* e cumpre as *mitsvot* – a prioridade de todo judeu – precisamos semear nela a *Torá*! É indispensável que ela observe o pai estudando e respeitando quem estuda. Que veja o pai beijando o livro depois de estudar, em sinal de respeito, e guardando-o com carinho. Que perceba que o horário designado para o estudo da *Torá* é sagrado. Dessa forma, começa-se a semear no filho o amor pela *Torá*.

Sobre isso, nossos sábios disseram que, logo que a criança começa a falar, o pai lhe ensina a *Torá* e o *Keriat Shemá*. Aqui, “ensinar a *Torá*” se refere a ensinar a seguinte frase: “*Torá tsivá lánu Moshê morashá kehilat Yaacov* – A *Torá* que nos transmitiu Moshê é a herança do nosso povo.” Ensinar o *Keriat Shemá* se refere a ensinar a frase: “*Shemá Yisrael Hashem Elokênu Hashem Echad* – Escuta e entende, Israel, *Hashem* é nosso D’us, *Hashem* é Um.” Esta é a semente do que amanhã será a linguagem da criança. Desde cedo ela ouve sobre a unicidade de D’us, que há algo importante chamado *Torá* e que tivemos um grande profeta, Moshê *Rabênu*, que nos transmitiu a *Torá* e as *mitsvot*.

É claro que, depois de semear, é necessário regar a semente constantemente para que cresça! Esta água é a atmosfera de harmonia no lar e o relacionamento caloroso dos pais com os filhos; tudo isso aliado ao bom exemplo dos pais.

Até ser independente, o filho tende a copiar os pais. O exemplo prático dos pais ao cumprir as *mitsvot* com alegria é fundamental. É indispensável ouvir os pais recitar as bênçãos com emoção, por exemplo. Se os filhos nunca ouvirem os pais recitando uma bênção, como aprenderão a fazê-lo? Essa é a chuva que rega o crescimento sadio da criança.

Recentemente, uma jovem de vinte anos contou-me, que quando ela era pequena, via sua avó “mexendo os lábios” após as refeições. Para esta jovem, muitos anos se passaram até que ela descobrisse que a avó “mexia os lábios” recitando o *Bircat Hamazon*, a Bênção de Graças após as refeições.

BRINCADEIRA É COISA SÉRIA!

Os pais precisam dar a devida importância para os jogos e brinquedos dos filhos. Os brinquedos constituem algo extremamente sério para a criança.

Conforme foi analisado no capítulo anterior, há dois conceitos básicos com relação à educação: “semear” e “construir”. O serviço a D’us é algo natural, que cresce depois de semeado. Apesar disso, os níveis que a pessoa alcança durante sua vida, sua personalidade, precisam ser construídos com dedicação.

Se desejamos que uma criança cresça como alguém que estuda a *Torá* e cumpre as *mitsvot*, precisamos semear nela a *Torá*! É indispensável que, por exemplo, ela observe o pai estudando e respeitando quem estuda. Muito cedo, também, já se deve ensinar à criança, conforme sua maturidade, sobre a existência de D’us e da *Torá*.

Depois de semear, é necessário regar a “semente” de maneira constante com “água” para que cresça! Esta água é

a atmosfera de harmonia e o calor do lar, aliada ao bom exemplo dos pais.

Sobre a construção do perfil espiritual, encontramos no *Pirkê Avot* (5:21) a seguinte passagem: “*Ben chamesh shanim lamicrá, ben êsser shanim lamishná, ben shelosh esrê lamitsvot, ben chamesh esrê laguemará...* – Com cinco anos de idade introduz-se a criança na leitura da *Torá*, com dez, na *mishná*, com treze, nas *mitsvot*, com quinze, na *guemará...*” Estas etapas foram fixadas pelos sábios da *mishná* para serem seguidas em sua época. Em nossos tempos também temos estágios de aprendizado determinados por nossos sábios. Estas etapas não são necessariamente idênticas às citadas pela *mishná*. De qualquer forma, é uma linha de ensino seguida basicamente de maneira uniforme nos centros judaicos de estudo do mundo inteiro. Cada geração, conforme a orientação dos sábios da época, deve adotar o sistema que é funcional, que é próprio para aquela geração.

Com isso, nossos sábios ensinam que existe um processo para construir a pessoa. Não é possível, por exemplo, ensinar *chumash*, *mishná* e *guemará* de uma só vez; tampouco transmitir determinados ensinamentos numa idade que ainda não é oportuna.

A educação precisa ser transmitida à criança conforme o seu desenvolvimento natural. Esta é uma regra essencial. Não é correto forçar a criança acima do que permite sua capacidade. Assim, é proibido exigir comportamentos incompatíveis com a idade e com o desenvolvi-

mento da criança; conceitos que ela não consegue captar.

No livro “Alê Shur”, o *Rav Wolbe* faz uma observação muito importante com relação a esse assunto. Por vezes, queremos que uma criança compreenda coisas que nós levamos 30 anos para entender! Os pais devem tomar cuidado para não exigir comportamentos para os quais os filhos não têm maturidade. Por exemplo, é difícil para uma criança pequena comer sem se lambuzar. Não se pode exigir regras de etiqueta de uma criança de dois anos! Parte importante da educação é ensinar o que pode ser assimilado e não o que está acima das possibilidades.

Quando não se transmite a educação de forma gradual, à medida que a idade da criança permite, ela passa a repudiar o que lhe foi ensinado. Já que ela não é capaz de assimilar esses ensinamentos, tentará se esquivar, escapar deles o quanto puder. Essas exigências causam, então, um sério prejuízo no seu desenvolvimento espiritual.

O progresso da criança ocorre gradativamente. À medida que o tempo passa, ela se desenvolve fisicamente e espiritualmente. De forma análoga ao crescimento de uma árvore, o desenvolvimento da criança precisa ser cultivado.

Quando se trata de “semear” princípios na criança, são necessários cuidados extremos. Precisamos plantar exatamente o que queremos que cresça. Quando se trata de “construção”, esta deve ser feita por etapas. Não podemos nos apoiar apenas no que foi semeado e esperar que futuramente cresça algo desejado. Precisamos acompanhar o crescimento levando em consideração o potencial de desenvolvi-

mento da criança e o tempo necessário para assimilar cada conceito.

Outro tema a ser analisado diz respeito aos brinquedos. Muitas vezes os pais não dão o devido valor aos jogos e aos brinquedos dos filhos. Para a criança, os brinquedos constituem um assunto sério. O *Rabi Yisrael Salanter zt"l* cita um exemplo que ilustra a importância desse conceito. Digamos que uma criança está tomando banho e brinca com um pedaço de madeira dizendo que é um navio. Tirar dela essa madeira é como afundar o navio de uma pessoa adulta. O sofrimento que uma criança de três anos passa por causa de uma atitude como esta é equivalente ao de uma pessoa adulta que perdeu um navio. Se isso é encarado como uma tolice pelos pais, é algo muito sério para a criança. Alguém que atrapalha a brincadeira de uma criança está lhe roubando algo, prejudicando-a de fato.

Na educação das crianças existem, também, normas que são equivocadamente aceitas e seguidas de forma generalizada. Por exemplo, exige-se das crianças que fiquem todo o tempo sentadas quietas à mesa durante a refeição de *Shabat*. Muitas vezes a refeição prolonga-se por uma hora, uma hora e meia ou mais. Desnecessário dizer que para uma criança isso se torna muito penoso. Ela não consegue permanecer sentada tanto tempo em silêncio sem se mexer. Ela sente necessidade de levantar, circular! Obrigar que ela fique sentada todo esse tempo é forçá-la a algo muito acima das suas possibilidades. Nem é necessário explicar o quanto isso é prejudicial. Por isso, se a criança presenciou

o *Kidush* e, depois disso, quiser circular, não convém ser tão inflexível.

Analisemos um pouco mais a intenção dos pais no exemplo citado. O propósito é fundamentalmente bom. Os pais querem inculcar valores importantes ao exigir que os filhos se sentem à mesa de *Shabat*. Afinal, a união da família em torno da mesa de *Shabat* não é digna de consideração? Os pais estão empenhados em transmitir princípios judaicos da educação. Em nome disso, forcem a criança a permanecer sentada. No entanto, tais princípios não podem ser construídos com exigências que estão acima das suas possibilidades. As conseqüências disso podem ser graves. Mais ainda quando se trata de uma criança pequena.

Podemos citar outra situação análoga. A partir dos 3 ou 4 anos os pais começam a ensinar as crianças a usar *kipá*. Certamente que essa atitude é muito bonita e positiva. A intenção é a melhor possível. Os pais desejam uma educação de qualidade para seus filhos e, neste caso, o empenho pode ser maior daqueles que não tiveram esta educação desde criança e desejam isso para seus filhos. Digamos, então, que, em determinado momento, o menino jogue a *kipá* e se recuse a recolocá-la. Nesse caso não se pode forçá-lo a usar. Não adianta bater no menino e obrigá-lo a isso. Dessa forma ele poderá acabar detestando a *kipá*. Um menino de três anos não tem a obrigação de estar sempre com *kipá*. É preciso educá-lo que, amanhã, quando for adulto, deverá usar *kipá* continuamente. Mas deve-se fazer isso gradativamente, de forma que ele goste, e que seja de fato

conforme as suas possibilidades.

Se os pais agirem com paciência e dedicação, chegará a idade em que o menino gostará de usar a *kipá*. Então, até mesmo quando ele estiver dormindo no colo dos pais e a *kipá* começar a cair, ele a arrumará sozinho na cabeça.

Conscientes de que a “construção” da educação precisa ser realizada conforme o desenvolvimento natural da criança, os pais alcançarão mais facilmente o sucesso na nobre tarefa de educar segundo os valores sagrados da *Torá*.

EDUCAÇÃO RÍGIDA

Os pais devem estar atentos ao momento mais adequado para iniciar da melhor forma a educação de seus filhos. Atrasos ou precipitações são prejudiciais. Uma educação rígida também não é adequada.

Conforme explicam nossos sábios da *mishná*, na educação das crianças devemos considerar as diversas etapas de seu desenvolvimento natural.

Durante os anos da infância, é necessário estar plenamente consciente de qual fase da educação precisa ser considerada. Com quatro anos uma criança é totalmente diferente de quando tinha dois! Quando se fala de um homem com 30 ou com 32 anos, praticamente não há diferença, mas quanto menor a criança, maiores as mudanças com o passar do tempo. Mais acelerado é o seu desenvolvimento. É indispensável levar isso sempre em consideração.

Os pais têm a obrigação de conhecer estas épocas do desenvolvimento da criança e relacionarem-se com elas da forma apropriada. Quando os pais admitem estas diferentes etapas e procuram educar a criança conforme suas ne-

cessidades, é sinal de que assimilaram um dos principais conceitos da boa educação.

Diariamente recitamos a seguinte passagem na leitura do *Shemá Yisrael* (Devarim 11:19): “*Velimadtem otam et benechem ledaber bam* – E as ensinareis a vossos filhos falando delas.” Conforme explica Rav Hamnuna, esta advertência se refere a ensinar à criança, logo que comece a falar, a seguinte frase: “*Torá tsivá lánú Moshê morashá kehilat Yaacov* – A *Torá* nos foi transmitida através de Moshê; ela é a herança da comunidade dos descendentes de Yaacov”. Este é o primeiro versículo, junto com o *Shemá Yisrael*, que o pai deve ensinar a seus filhos e filhas.

Na continuação desta passagem consta na *Torá* (11:21): “*Lemáan yirbu yemechem vimê venechem* – para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos.” Por isso, nossos sábios comentam que se o pai não seguir este ensinamento é como se, *chalila*, estivesse enterrando seu filho.

Vemos que nossos sábios se expressam rigidamente em relação a alguém que não ensina o versículo *Torá Tsivá Lánú Moshê* no momento correto a seu filho. Segundo eles, deve-se aproveitar o momento que a criança começa a falar para logo ensinar-lhe estas palavras sagradas da *Torá*.

Com certeza, é muito diferente quando se aproveita esse momento para ensinar palavras sagradas, em vez de ensinar sobre algum herói infantil ou coisa do gênero.

Quando a primeira palavra que uma criança aprende é alguma bobagem, depois ela terá trabalho para se conscientizar de que, de fato, não tem nada a ver com aquilo.

Por que esse instante – justo quando a criança principia a falar – é tão importante?

Quando a criança começa a falar é o momento adequado de semear nela *emuná*, a fé em D’us. Isso acontece ensinando-lhe as palavras do versículo *Torá Tsivá Lánu Moshê*. Assim, ela passará a saber que existe uma *Torá* e que o Povo de Israel teve um grande e importante profeta chamado Moshê. Isso é a semente da crença que a criança carregará durante 120 anos!

Quando semeamos um terreno na época de plantio, são grandes as possibilidades de uma boa colheita. Quando perdemos o momento propício da plantação, a terra não está mais apta a aceitar a semente. Existem momentos adequados para o plantio! Esse momento é no início do inverno. Quem esperar para plantar quando começa a chover, não terá sucesso; a semente apodrecerá dentro da terra e não crescerá nada.

Da mesma forma, quem não ensina *Torá tsivá lánu Moshê morashá kehilat Yaacov* no momento certo, é como se tivesse – analogamente à semente – enterrado o filho. Quando não se aproveita um momento importante ele morre, ou seja, nunca mais voltará.

Não importa que a criança, a princípio, não entenda o que está aprendendo. O importante é que esta foi a primeira

coisa que aprendeu. Com o tempo ela perceberá seu pai estudando e perguntará: “O que é isso?”

– É a *Torá*! – responderá o pai.

– O que é isso? – indagará em outra oportunidade.

– Foi *Hashem* que ordenou!

– E quem trouxe a *Torá*?

Com o tempo entenderá o significado daquela primeira frase. Quando se assenta uma base sólida, pode-se continuar construindo algo firme.

A preocupação em aproveitar o momento certo também se aplica a não se precipitar. Quando a terra ainda não está preparada também não adianta semear!

Segundo a própria *Torá*, o momento certo para começar os ensinamentos da *Torá* é quando a criança começa a falar. Antes disso, quando a criança nem fala ainda, não adianta forçá-la. Isso poderia resultar em um efeito negativo.

Todo o citado é a base do que significa “início da educação”.

Conforme explica o comentarista *Rashi*, a palavra *chinuch* – educação – significa início, inauguração. Por isso usamos as expressões “*chanucat hamizbêach* – inauguração do altar”, “*chanucat habáyit* – inauguração da casa”. Nessas expressões, a palavra “*chanucat*” tem o sentido de “início”. Educar é introduzir conceitos, iniciar uma pessoa quanto a determinados valores. Devemos apresentar às crianças as leis, os princípios, os valores, os concei-

tos, no instante apropriado, tomando o cuidado para não perder este momento singular.

É muito importante que a iniciação seja introduzida no momento certo. Conforme diz o Rei Shelomô (Mishlê 22:6): “*Chanoch lanáar al pi darcô* – ensina a criança conforme suas possibilidades.” Quando a criança ainda não tem condição de aprender, não adianta forçá-la. Devemos aproveitar para iniciar os ensinamentos quando ela atinge uma determinada etapa e está apta a aceitar aquilo que transmitimos.

Se não aproveitarmos o tempo ideal para a sementeação, a planta não crescerá adequadamente e não colheremos bons frutos. Analogamente, uma criança não se desenvolverá um adulto com *emuná* plena em D’us e na *Torá*. Por isso, nossos sábios usaram aquela expressão tão severa: o pai que desperdiça o momento oportuno é como se tivesse enterrado o filho.

Em toda esta abordagem ainda não se considerou a *teshuvá* – a capacidade que cada indivíduo tem para retornar ao caminho correto da *Torá*. Tratou-se apenas de como é necessário educar a criança. Quem, entre nós, não conhece as dificuldades que o indivíduo enfrenta depois que já adquiriu determinados vícios? Quanto esforço não é necessário para eliminá-los?...

Sem dúvida alguma, é preferível utilizar a linha correta na educação desde o princípio a tentar recuperar um adulto por todo o tempo perdido! – A despeito de sabermos que,

conforme dizem nossos sábios, “o lugar atingido pelos *balê teshuvá*, os que retornaram ao caminho correto, nem mesmo *tsadikim guemurim* podem alcançar”.

Vimos, portanto, que o início da educação da criança é essencial; encontramos esse conceito não somente na educação, mas em vários assuntos na *Torá*. Por exemplo: o *yehudi* não festeja o término do ano. Comemora o início do novo ano. *Rosh Hashaná* é o início do ano; é um dia sublime. *Motsaê Shabat*, o início da semana, é um momento especial. Nos livros sagrados consta que estudar *Torá* no *motsaê Shabat* é muito importante e favorece o prosseguimento do estudo durante a semana. O início do mês – o *rosh chôdesh* – também é especial. Foi a própria *Torá* que instituiu o *Corban Mussaf* no primeiro dia do mês.

Todo início, segundo os conceitos da *Torá*, tem uma excelência. O início é uma época propícia para plantar. Quando se deixa escapar essa oportunidade, torna-se difícil recuperar o que se perdeu. Por exemplo: em *Rosh Hashaná* – o início do ano – D’us nos julga. Três livros são abertos. Se o indivíduo tiver méritos suficientes, *Hashem* inscreve-o no livro dos *tsadikim* e apõe Sua chancela. O *Yom Kipur*, dez dias depois, é o final do julgamento apenas para quem ficou “pendente”! Todas as pessoas têm a chance de não ficar dependendo do *Yom Kipur* para um selo final! O mediano é que fica dependente do *Yom Kipur*.

A partir do exposto acima, aprendemos que devemos estar atentos às oportunidades. Há uma exigência de que os pais conheçam as diversas etapas de desenvolvimento de

seus filhos. Os pais devem ir alimentando as crianças conforme suas possibilidades. Devem adaptar suas exigências ao desenvolvimento natural da criança.

O *Rav Wolbe* é enfático em criticar exigências antecipadas, quando a criança ainda não tem capacidade de acatá-las. Mesmo que se obtenham resultados aparentemente favoráveis em exigências deste tipo, este procedimento pode prejudicar a criança.

Quando se exagera em imposições prematuras, em épocas que a criança não está madura o suficiente para entender o que querem dela, pode-se causar grandes danos para o futuro de sua educação. É como querer plantar uma semente em época antecipada.

A criança precisa se desenvolver em etapas e atravessar todos os estágios de forma gradativa. Neste capítulo, não trazemos o que deve ser ensinado à criança a cada etapa. Essas fases serão tratadas mais para a frente e serão publicadas numa outra oportunidade. De qualquer forma, é importante saber que isso é próprio de cada criança. Não somente peculiar a cada família; mas a cada criança de cada família! Três irmãos podem possuir temperamentos completamente distintos. São indivíduos diferentes, que necessitam do procedimento adequado a cada um conforme seu temperamento.

Vejamos alguns exemplos comuns de que muitas vezes não há coerência entre o que os pais exigem e o que o filho é capaz de realizar.

É sabido que muitas mães se vangloriam por terem conseguido ensinar conceitos de limpeza e higiene aos filhos em uma idade prematura. Quanto antes a mãe obtém êxito neste campo, mais orgulhosa ela fica.

Em termos da educação laica, já se aceita a idéia correta de que obrigar uma criança de forma prematura a ser meticulosamente limpa atrapalha todo o seu desenvolvimento. Mesmo que alguns pais aleguem estar apenas “tentando” transmitir tais conceitos, nesta idade, “tentar” é praticamente “obrigar”.

Não pretendemos, com isso, que não se diga absolutamente nada, deixando que a criança jogue tudo no chão ou coisa do gênero. Mas é normal que uma criança que come sentada no cadeirão, deixe cair comida na mesa e no chão. Também é normal que ela coma com as mãos. O mais correto é que os pais “fechem os olhos” para estas atitudes. Não se pode exigir que uma criança de tenra idade use talheres!

Nessa idade o importante é que a criança aprenda a comer e não que aprenda etiqueta.

Existe uma regra muito importante na educação: devemos sempre levar em consideração quanto tempo nós mesmos levamos para aprender determinado ensinamento. Isso parece simples e, na prática, é muito útil. Pense bem:

– Você quer que ela se comporte como você? Quantos anos você demorou para atingir este comportamento? Como uma criança de 3 ou 5 anos pode se comportar da

mesma forma que você? Isso é impossível! Tenha paciência!

Chegará o tempo em que a própria criança desejará ser limpa. Esta é uma tendência natural de todo ser humano. Neste momento, então, a questão da higiene poderá ser desenvolvida de uma forma muito mais natural e com harmonia, pois a criança já estará preparada para este tipo de situação.

Outro exemplo da divergência entre pais e filhos é com relação aos brinquedos. Muitas vezes os pais desprezam os brinquedos dos filhos. No entanto, o brincar é indispensável. Conforme já comentamos, um adulto que atrapalha a criança em sua brincadeira, simplesmente rouba-lhe algo.

Claro que devemos ensinar à criança a não prejudicar os demais com suas brincadeiras. Ensinar também a não bater nos outros, a não morder, não quebrar... Mas em casos normais, quando ela está brincando, deve-se tomar cuidado para não causar transtornos sem motivo.

Mais um exemplo de uma exigência normalmente imposta pelos pais é que a criança se sente à mesa durante toda a refeição de *Shabat*. Enquanto os pais estão comendo, cantando, conversando e se divertindo com seus amigos, fazem questão que os filhos de 4 ou 5 anos acompanhem tudo. Uma criança não pode sentar tanto tempo em silêncio! Ela precisa circular!

Sabemos também que no *Shabat* é proibido comer

qualquer coisa antes do *Kidush* – tanto na noite de sexta-feira quanto no sábado de manhã. Digamos que um pai traz seu filho de seis anos para a sinagoga no *Shabat* de manhã. Se a criança pedir água durante as orações, não se pode exigir que ela espere com sede até o *Kidush*! Quando ela tiver onze ou doze anos, aí sim começa-se a ensinar esta *mitsvá*. O “Maguen Avraham” explica que, conforme a própria lei judaica, não se deve privar uma criança de comer e beber antes do *Kidush*.

Mesmo num caso em que, eventualmente, uma criança pequena não esteja disposta a participar do *Kidush* no *Shabat*, não se deve ser rígido demais exigindo sua presença. Digamos que uma criança de cinco ou seis anos esteja dormindo. Não é correto acordá-la para participar do *Kidush*. O que acontece, normalmente, é que as crianças gostam de participar do *Kidush* quando recebem um incentivo de forma positiva.

Mesmo que a criança tenha pedido para ser acordada para participar do *Kidush*, devemos deixar que ela durma, se depois ela mudar de idéia e não quiser sair da cama. Muitas vezes nem mesmo adultos levantam com o despertador!...

Os pais devem colocar-se no lugar das crianças ao solicitar determinadas condutas. Colocar-se no lugar da criança talvez seja até fácil. O mais difícil, no entanto, é se imaginar com a idade da criança! Todos nós muitas vezes esquecemos de levar em consideração a idade dos nossos filhos e cometemos excessos.

Quando a *mishná* determina: “não julgue seu amigo enquanto não estiver na mesma situação”, certamente isso também vale em relação aos filhos.

Portanto, exigir comportamentos acima das possibilidades da criança é muito negativo e pode surtir efeitos prejudiciais no seu desenvolvimento. O dano é maior quanto menor é a criança, pois mesmo pequenos erros na época do “plantio” podem gerar conseqüências graves no futuro.

Ainda que a intenção dos pais seja das melhores – e quase sempre é – deve-se ponderar com cuidado cada nova exigência.

PENSANDO NA ADOLESCÊNCIA

Os problemas tão freqüentes de relacionamento entre pais e filhos adolescentes devem ser levados em consideração desde idades precoces de dois ou três anos!

Tão importante quanto educar os filhos, é educar os pais para que saibam como educar os filhos.

A educação é um processo que deve ser encarado a longo prazo. Quando uma criança tem dois ou três anos, os pais já devem levar em consideração que quando ela tiver treze, quatorze anos, passará por uma fase difícil.

Todos nós sabemos que a adolescência apresenta dificuldades especiais, afinal todos nós passamos por ela. Sobre a idade de um adolescente, em Israel costuma-se dizer brincando que o jovem está na fase de “*tipesh-esrê*”, que seria uma expressão equivalente à nossa “aborrecência”.

A adolescência é uma época na qual o jovem necessita muito do apoio dos pais. Para aceitar este apoio, ele

precisa sentir muita confiança nos pais. Além disso, é necessário que haja um ambiente de intimidade entre pais e filhos, para que eles se sintam à vontade para relatar o que está acontecendo com seu corpo, com sua cabeça e, dessa forma, serem bem esclarecidos e aconselhados. A partir de quando, então, os pais precisam preparar este ambiente? A partir dos 2 ou 3 anos de idade!

O conceito primordial para que um jovem passe pela idade dos 14 anos em paz, em harmonia, é que ele mantenha uma relação calorosa e afetiva com os pais desde sua infância. Não adianta exigir esse relacionamento quando o jovem já atingiu os 14 anos se, nos anos anteriores, não existia esse tipo de convívio.

Se os pais são agressivos com os filhos quando têm 2, 3, 4 anos; se praticam uma educação extremamente severa, se batem neles e se exigem deles comportamentos acima de suas possibilidades, simplesmente não alimentam uma relação calorosa com eles. Quando a criança ainda é muito pequena, ela não demonstra a falta de “química” entre ela e os pais. Nesta idade ela ainda precisa muito dos pais e é obrigada a manter uma certa ligação com eles. No entanto, quando já tiver 13 ou 14 anos e se julgar mais ou menos independente, terá em seu subconsciente a idéia de que não existe uma relação afetiva entre ela e os pais. Somente então, os pais perceberão o erro que cometeram em todos os anos precedentes.

Quando o filho é pequeno, não tem outra proteção senão os pais. Ele naturalmente gosta dos pais. Apesar de

sentir que não há um vínculo adequado, sabe que não tem outra opção. Quem, além dos pais, ele poderia procurar? Quando ainda pequena, não lhe basta pedir auxílio ou apoio a algum amigo. Já aos 13 ou 14 anos, quando necessitar de ajuda, um amigo parecer-lhe-á suficiente. Quando necessitar de apoio, se o jovem preferir um amigo aos pais e este for um amigo inescrupuloso, as conseqüências poderão ser trágicas.

Os pais que erram durante toda a infância ficam surpresos quando a criança atinge os 14 anos: “Não consigo entender o que está acontecendo com meu filho!”, “Ele nem conversa comigo!”, “Ele não me conta nada!”, “Não sei de nada que se passa em sua cabeça!”

“Quando os pais vêm e me perguntam o que fazer”, diz o *Rav Wolbe*, “eu respondo: ‘Hoje você está pagando pelos golpes que você lhe deu quando ele era pequeno! Os gestos implacáveis e o relacionamento duro estão borbulhando no subconsciente da criança sem que nem mesmo ela perceba.’”

Um dos tristes reflexos da falta de esclarecimento dos pais quanto ao modo correto de educar e da prática de falhas graves na educação das crianças é a falta de comunicação entre pais e filhos adolescentes. As falhas dos pais permanecem ocultas na alma da criança. Quando ela atinge a adolescência, de repente, tudo se manifesta. Aí, então, os pais ficam boquiabertos, sem entender a falta de comunicação, a falta de afeto. Para eles, certamente, é um grande sofrimento e – pior – para a criança é um grande dano.

Mesmo a repreensão deve ser usada o mínimo possível durante a infância. Sempre devemos procurar um caminho de relacionamento caloroso com os filhos.

Tudo isso não significa que os pais devem deixar de conduzir a educação no sentido de que as crianças pratiquem a *mitsvá* de respeito e temor aos pais! Devem ensiná-las a não sentar no lugar dos pais, a não responder mal para os pais, a não levantar a mão para os pais, etc. A rigidez dos pais não deve cair abaixo deste limite.

Quando um filho pequeno bate na mãe, por exemplo, os pais não devem rir, porque dessa maneira estão incentivando esta atitude. Deve-se valorizar o respeito e o temor aos pais, porém levando em consideração a idade dos filhos, sem severidade.

Em outras palavras, é fundamental manter um relacionamento afetivo com os filhos desde muito cedo. É importante sempre preservar esta relação amigável. Dessa forma, quando passarem pelos momentos difíceis da adolescência e precisarem ser orientados, eles se sentirão à vontade para recorrer aos pais.

Em muitas ocasiões, durante a educação de nossos filhos, parece que alcançamos melhores resultados sendo muito severos. No entanto, todo ser inteligente precisa ponderar as conseqüências de suas atitudes a longo prazo. Isso também é correto, e é muito importante de ser observado, em relação à educação dos filhos. Os pais conscientes da importância da educação a longo prazo – e não somente dos resultados imediatos – devem ficar constan-

temente atentos aos cuidados a serem tomados em relação à severidade no tratamento dos filhos.

Não é raro ouvir pais comentarem frases do tipo: “Quando meu filho não me obedece, basta eu dar alguns tapas e imediatamente ele muda de idéia!” e ainda se vangloriam imaginando: “Eu sei como influenciar meu filho!”.

Por esse tipo de atitude, os pais podem pagar caro no futuro, quando o filho tiver 14 ou 15 anos e não sentir mais tanto medo e dependência dos pais. Aí será muito difícil consertar o erro cometido.

O cuidado em evitar o excesso de severidade e, ao mesmo tempo, procurar transmitir carinho, confiança e segurança aos filhos, constitui um dos pilares da educação das crianças.

O que descrevemos não é fácil de ser aplicado no dia-a-dia. Contudo, é fundamental que os pais procurem se adaptar a essa forma de educação. É uma obrigação que eles se esforcem nesse sentido. Certamente, no decorrer do tempo, todos cometem alguns tropeços; mas o simples fato de os pais serem esclarecidos e reconhecerem seus erros, ajuda-os a corrigi-los sem grandes conseqüências.

TENDÊNCIA NATURAL

Uma criança educada contra suas vocações naturais obedecerá temporariamente mas, quando crescer, não ouvirá mais os conselhos dos pais.

Tratemos de um detalhe muito importante na educação – as tendências naturais dos filhos – sua personalidade.

É indispensável que os pais conheçam bem cada um dos filhos e distingam suas tendências naturais específicas e particulares. Em uma família com vários filhos, por exemplo, não é correto imaginar que todos podem ser educados da mesma forma, que todos são parecidos. Nem sempre o que é apropriado para um também o é para o outro. Não existe uma criança igual a outra! Os pais devem estar perfeitamente cientes disso. Caso contrário, este entendimento errado da natureza da criança será prejudicial. Quando os pais não conhecem bem seus filhos, é comum presumirem que eles têm certas forças que de fato não possuem. Quando os pais não conhecem a criança, todo o esforço em sua educação será falho, pois utilizam como tática um método dirigido a alguém que não consegue assimilá-lo. Estes pais

exigem da criança atitudes que vão contra sua natureza.

Quem quer educar uma criança de fato, e obter sucesso, precisa saber – averiguando, investigando – quais são as tendências particulares da personalidade da criança e, baseando-se nisso, educá-la.

Quando se planta mudas de árvores, obviamente é diferente o trato que se despende a espécies distintas. Não se pode cultivar uma bananeira da mesma forma que se cuida de uma macieira! Se for dado o mesmo trato a duas árvores de espécies diversas, pelo menos uma delas não irá crescer bem. Talvez até mesmo ambas não dêem frutos. Algo análogo acontece com as crianças. É necessário conhecer as tendências naturais, a personalidade de cada criança, e levar isso em consideração nas medidas educacionais.

Este conceito já nos é conhecido do livro “Messilot Chayim Bachinuch” do *Rav* Chayim Friedländer *zt”l*. De fato, todos os nossos grandes educadores citam em suas obras o comentário do *Gaon* de Vilna sobre o versículo do Rei Shelomô (Mishlê 22:6): “*Chanoch lanáar al pi dar-cô, gam ki yazkin lô yassur mimena*”. A tradução simples deste versículo é: “Ensina ao jovem o bom caminho, pois mesmo em sua velhice não o abandonará.” No entanto, a primeira parte, traduzida literalmente é: “Ensina ao jovem ‘conforme o seu caminho’”. Assim, o *Gaon* de Vilna explica que se deve ensinar cada criança “conforme o seu caminho” – cada pessoa tem o seu temperamento e, de acordo ele, deve ser educada.

Cada criança tem o seu *dêrech*, sua índole. Não se pode quebrar as propensões naturais do indivíduo. Por exemplo: a *guemará* explica que quem nasce segundo o *mazal Madim* – uma determinada influência natural – é um sujeito que tem propensão a “derramar sangue”. É imprescindível que se admita esta inclinação. Já que não se pode alterar esta vocação, a *guemará* aconselha esta pessoa a “derramar sangue” de uma forma permitida. Esta pessoa deve ser orientada, por exemplo, a ser *mohel* (perito em circuncisão) ou *shochet* (magarefe, abatedor). Desta forma, este indivíduo não canalizará sua inclinação para coisas erradas.

É isso que o *Gaon* de Vilna ensina: não se pode quebrar uma tendência natural, mas é necessário trabalhar cada criança para que seja direcionada para um caminho correto. Conforme este raciocínio, até mesmo o livre arbítrio é de certa forma limitado. Uma tendência natural interna não pode ser eliminada, mas pode ser trabalhada para o bem.

Há uma outra tendência, a do *mazal Tsêdec*, cuja índole é ser uma pessoa justa. Também nesse caso não há uma garantia irrestrita de que a pessoa será justa e bondosa, apenas uma inclinação natural. É necessário que a educação da criança leve em consideração esta propensão, tirando proveito de sua natureza.

D’us concedeu o livre arbítrio a cada indivíduo, para que ele direcione sua inclinação natural – seja qual for – da forma correta. Assim, cada indivíduo, independente de sua natureza, pode tornar-se um *tsadic* (justo), um *benoni* (me-

diano) ou um *rashá* (perverso).

O indivíduo sob influência de *mazal Madim* só será um assassino – D’us não o permita – se utilizar seu livre arbítrio para ser um *rashá*.

É importante saber que podemos orientar e direcionar alguém com tendência para *mazal Madim* e não transformar a essência dele em um indivíduo com *mazal Tsêdec* ou qualquer outro.

Seguindo este raciocínio, uma criança agitada, que sempre precisa estar se movimentando, não pode ser “transformada”. Não se pode forçar esta criança a permanecer muitas horas na frente de um livro, por exemplo. Tentar alterar esta natureza é estragar a criança. Caso se insista no erro, quando esta criança crescer, provavelmente seguirá o seu próprio caminho. Sem ter sido instruída de forma correta, a sua escolha será muito distante daquilo que os pais pretendiam.

Em relação ao Rei David, consta que ele era “*admoni*” – vermelho. Quando o Profeta Shemuel foi enviado por D’us para ungir um dos filhos de Ishay como rei, hesitou ao avistar David. Naquele momento, Shemuel ficou indeciso. Por um lado ele pressentiu que David era de *mazal Madim*, inclinado para o derramamento de sangue. Por outro lado, David possuía “bons olhos” – conforme o *Tanach*, era “*yefê enáyim*” (Shemuel I 16:12) – o que sugeria um bom caráter. De fato, o Rei David derramou muito sangue em guerras e perseguições, mas somente com o consentimento Divino, segundo instruções do San’hedrin –

o grande tribunal rabínico da época – e dos *Urim Vetumim*.

O *Talmud Berachot* (3b) nos relata o comportamento de David *Hamêlech* ao sair para a guerra. Primeiramente aconselhava-se com Achitôfel no que dizia respeito à estratégia bélica; depois pedia ao San’hedrin (os 70 sábios do tribunal de Jerusalém) licença para sair à guerra e para que rezassem por seu êxito. Finalmente, consultava os *Urim Vetumim* (“*Urim shemeirim et divrehem, Tumim shemashlimim divrehem – Urim*, pois suas palavras luzem, *Tumim*, pois suas palavras se completam”). Os *Urim Vetumim* eram 12 pedras preciosas que levavam os nomes das 12 tribos de Israel. Estas pedras estavam incrustadas em uma veste especial que o *Cohen Gadol* levava em seu peito, chamada *Chôshen*. O povo costumava consultar os *Urim Vetumim* para saber se deveriam ou não guerrear. Segundo *Rav Yochanan*, a resposta vinha por uma seqüência de letras que se destacavam em relevo formando uma palavra. De acordo com *Resh Lakish*, as letras deslocavam-se de seu lugar e formavam uma palavra.

Chanoch lanáar “al pi darcô” – ensina o jovem “conforme o seu caminho” – ou seja, conforme as suas inclinações naturais. Levando isso em consideração, ensine-o a cumprir as *mitsvot*; dessa forma, *gam ki yazkin lô yassur mimena* – também quando ele crescer não se desviará dela.

Quando se força uma criança a agir contra o seu *mazal*, contra suas tendências naturais, enquanto for pequena ela obedecerá os pais por medo, mas quando já não depen-

der tanto deles, provavelmente jogará este fardo de suas costas e se sentirá à vontade para fazer tudo o que desejar.

Uma criança educada contra suas vocações naturais obedecerá, temporariamente, sem que necessariamente os pais notem um problema sério, mas quando ela crescer, não ouvirá mais os conselhos dos pais. Estas regras são básicas na educação. Muitos pais erram segundo este conceito, sofrendo conseqüências graves depois de alguns anos.

O *Rav Wolbe* conta sobre um *tsadic mefursam* – um sábio famoso – que levou seu filho para estudar na *yeshivá* na qual ele era *mashguíach* – diretor. Quando o homem apresentou seu filho ao *mashguíach*, explicou que o menino era tímido. De fato, o menino parecia muito tímido. Logo na primeira conversa com o garoto, ele não respondeu às perguntas que lhe fizeram. Não disse seu nome, sua idade...

Algum tempo depois, foi comprovado o verdadeiro motivo de sua “timidez”. O pai do menino era realmente um grande *tsadic*. No entanto, com a intenção de que seu filho aproveitasse o tempo da melhor forma, não deixava que ele saísse de casa, que ele brincasse com amigos... O homem queria que seus filhos agissem do mesmo modo que ele agia. Ele achava que jogos e divertimentos são um desperdício de tempo e que o mais importante é estudar todo o tempo possível. Na realidade, o menino não era tímido; ele se corroía de ódio.

“Não consegui remover o ódio do coração daquele

menino”, conta o *Rav* Wolbe. “Ele cresceu, ficou adulto, deixou de cumprir as *mitsvot* e casou-se, *bar minan*, com uma mulher que desprezava as *mitsvot*.”

A intenção do pai desse menino era a melhor possível; queria que ele também se tornasse um *tsadic*. No entanto, ele cresceu e tornou-se um rapaz revoltado. O pai não considerou as tendências do filho e as conseqüências foram desastrosas. Não se pode exigir que uma criança, ou um jovem, seja um *tsadic* como um homem de cinquenta anos!

O *Rav* Eliêzer *ben* David, quando vê um pai levar seus filhos pequenos para rezar no *minyán* do *nets hachamá* – que começa antes do nascer do Sol – não deixa de advertir o pai. Um menino de dez ou doze anos precisa dormir... e não ser forçado a despertar de madrugada para ir rezar!

É necessário muita atenção, dedicação e instrução para trabalhar o comportamento e as características das crianças. Se o pai não educa o filho considerando sua idade e suas tendências naturais, ele passa a se comportar como um robô. Se o pai deixa que ele cresça “sozinho”, sem moldar suas características no tempo correto, ele cresce como uma vegetação selvagem!

DOIS PRINCÍPIOS BÁSICOS

Existem dois caminhos básicos que devem ser trilhados durante a educação das crianças. Para o sucesso na boa educação, estes dois aspectos devem ser considerados com muito cuidado.

O primeiro cuidado básico na educação de um indivíduo é o exemplo pessoal dos educadores. Os pais e os professores devem ser bons exemplos para as crianças. Esta é a primeira obrigação dos pais em relação a seus filhos. Toda criança, de uma forma natural, quer se identificar com seus pais e deseja imitá-los. Se o exemplo que os pais apresentam é correto, e o relacionamento entre pais e filhos é sadio – caloroso, amigável – então, de forma natural, o filho deseja ser igual ao seu pai. E a filha deseja ser igual à mãe.

Quando os pais exigem comportamentos que eles mesmos não observam, prejudicam a educação dos filhos. Isso acaba desnorteando as crianças. Por exemplo, um pai que pede para seu filho fazer as *berachot* em voz alta. Ele

explica a seu filho que é importante dar valor a cada *berachá*, recitando-a em voz alta, pausadamente e com *cavaná* – concentração e intenção adequada. Mas se o próprio pai faz o *Bircat Hamazon* em voz baixa e não leva mais de meio minuto!... Um pai que exige que seu filho ande sempre com *kipá*, mas ele próprio não cobre a cabeça... Um pai que pede para o filho rezar diariamente com um *minyán*, mas ele mesmo reza em casa... Um pai que manda seu filho estudar *Torá*, mas o filho nunca o vê estudando... E tantos outros exemplos.

A criança passa a se perguntar como seus pais podem exigir o que eles mesmos não fazem. O filho percebe claramente que não há coerência nos ensinamentos e pedidos dos pais. Com esta contradição entre palavras e atos dos pais, confunde-se a criança.

Mesmo que o filho não tenha uma convivência intensa com os pais, é importante que ele veja a boa conduta dos pais nos momentos em que estão juntos. Também é relevante que a criança saiba que seu pai frequenta *shiurim*, reza com *minyán*, pratica boas ações, etc. Se a criança pequena está ciente desses bons comportamentos de seus pais, quando ela crescer irá encarar com naturalidade o pedido dos pais para que se comporte da mesma forma.

Uma das grandes figuras da nossa geração é o *Rav Chayim Kaniewsky*, filho do grande *Staipler*. Este homem estuda anualmente todo o *Talmud Bavli*, o *Yerushalmi*, o *Tur Bêth Yossef* e o *Rambam*! Ele é autor de vários livros e trata de assuntos da lei judaica que poucas pessoas conhe-

cem. Certa vez eu perguntei ao *Rav ben David* como alguém pode crescer e se transformar numa pessoa assim; qual o “segredo”? Então ele respondeu que um indivíduo dessa estatura é concebido pelo pai. O pai do *Rav Chayim Kaniewsky*, o *Staipler*, era “somente *Torá*”; então este é o resultado que se observa no filho. Quando as atitudes dos pais em relação ao filho são as melhores possíveis, desde a sua concepção, a elevação espiritual do filho fica muito mais fácil; tudo corre “às mil maravilhas”!

O segundo cuidado básico é a explicação que se deve dar para os procedimentos solicitados. Conforme a criança cresce, existe a necessidade de explicar para ela os motivos de cada recomendação, de cada ensinamento. Não é saudável determinar ordens sem dar uma explicação do porquê. Os pais têm a obrigação de explicar as razões dos fatos para os filhos, conforme sua capacidade, e não imaginar que eles são muito pequenos e que não conseguem entender nada. Os pais não podem achar que os filhos são obrigados a cumprir ordens sem qualquer esclarecimento.

É claro que há certas coisas que nem mesmo nós adultos conhecemos a razão. Certamente não é sobre isso que se pede uma explicação dos pais.

Há condutas e *mitsvot* que são exigidas de nós e que nunca compreenderemos. Estas não podem ser esclarecidas aos filhos. Mas, ainda assim, pode-se explicar que as cumprimos por ser a vontade de *Hashem*, e que Ele não nos revelou um motivo. De qualquer forma, se o pai sempre explica para seu filho os fatos que o filho é

capaz de entender, fica muito mais fácil de o filho aceitar os outros ensinamentos – aqueles para os quais o pai não dá explicações. Quando o filho está acostumado a receber esclarecimentos, ele confia em seu pai. Dessa maneira, o filho percebe que existem coisas que têm explicação e outras que não têm. E ele vê o pai cumprir *mitsvot* porque esta é a vontade de D’us.

A explicação deve ser apresentada na linguagem das crianças, conforme o nível e o poder de compreensão de cada uma. Não adianta conversar com uma criança da mesma forma que se fala com um indivíduo de vinte anos! É importante expressar-se na linguagem da criança, utilizando termos e conceitos que ela seja capaz de assimilar. Isso varia muito conforme a idade e, ainda, segundo a capacidade de cada criança.

Portanto, não é correto fugir de explicações. Quando o pai não souber responder a alguma pergunta, deve procurar as respostas, pesquisar, estudar, para depois transmitir o ensinamento para os filhos.

Infelizmente, esta é uma tarefa que está um tanto abandonada em nossos dias. De uma forma geral, os pais não se ocupam o suficiente com esta obrigação. Portanto, à medida que as perguntas vão surgindo, existe a necessidade de esclarecê-las.

Não somente isso. Existem conceitos básicos de *emuná* – fé judaica – que devem ser transmitidos, conforme a maturidade de cada criança, mesmo que elas não perguntem. Deve-se esclarecer a *emuná* em relação à *Torá*, às

mitsvot e a D'us. Quando chegar o momento, é necessário contar sobre *Yetsiat Mitsráyim* – a Saída do Egito – e sobre *Maamad Har Sinay* – a Revelação no Monte Sinai. Certamente não se trata de se aprofundar em todos os detalhes e comentários dos nossos sábios, mas relatar que houve uma situação na qual todo o povo esteve presente para receber a *Torá*. A partir disso, explicar também um pouco sobre o que é *neshamá*, a alma que cada um possui, e que todas as *neshamot* estavam presentes no *Maamad Har Sinay*.

Não é possível expor para uma criança os comentários minuciosos dos nossos sábios sobre cada conceito, sobre cada *mitsvá*. O importante é que os pais estudem, conheçam o assunto, analisem minuciosamente os comentários para alcançarem o sentido, entenderem o conceito e elaborarem a melhor explicação acessível para cada criança.

Sobre D'us, por exemplo, devemos ensinar que é impossível vê-Lo. Até mesmo Moshê *Rabênu*, que foi um homem muito elevado e importante, conversou com D'us mas não pôde vê-Lo. A *Torá* ensina que é totalmente impossível que um homem veja o Criador.

A Providência Divina nos eventos da natureza é relevante – e fácil de explicar para uma criança. Deve-se dizer que existe Alguém Que comanda todos os detalhes na natureza; Que faz anoitecer e amanhecer. D'us está em todos os lugares e dirige todos os acontecimentos no mundo.

D'us está em todos os lugares. Na verdade, esse é um conceito interessante. Às vezes, diz-se para as crianças que D'us está nos Céus e outras que Ele está em todo lugar!... É

necessário ter cuidado para não confundi-las. Conforme Yesha'yáhu (66,1): “ *Cô amar Hashem: ‘Hashamáyim Kiss‘i vechaárets hadom raglay...’*” Nossos sábios comentam que é como se *Hashem* estivesse “sentado” em um trono, nos Céus, com os “pés” sobre um escabelo (banquinho para descanso dos pés) na Terra. De cima, Ele guia todo o mundo. Com este exemplo, fica mais fácil de transmitir para as crianças uma idéia sobre a Providência Divina no Universo.

Com observações simples da natureza, é possível transmitir a existência do Criador – examinando com as crianças detalhes do campo, como as folhas, as flores, a chuva... Isso é fundamental para que a criança cresça com fé na existência de D’us.

As crianças pequenas não fazem idéia do conceito de vida e morte, mas crianças maiores já conseguem entender. Qual a diferença entre um morto e alguém que está vivo, e de Quem depende tudo isso? A própria vida ensina a acreditar em *Hashem* de uma forma natural.

Desenvolver a fé em D’us não é difícil. Todo ser humano possui dentro de si uma tendência natural nesse sentido. Sobre isso, é conhecida a piada que conta sobre o sujeito que diz: “Sou ateu, graças a D’us!”. A natureza do ser humano é acreditar em D’us. O problema surge quando o indivíduo desvincula as *mitsvot* de *Hashem*, por influência do meio, ou por falta de conhecimento; mas a fé simples e básica é uma tendência inata no ser humano.

Depois de tratar acerca dos dois princípios básicos da educação – o exemplo pessoal dos pais e a explicação que devem prestar aos filhos – analisaremos com profundidade os métodos e as ferramentas disponíveis para atingir sucesso na educação dos nossos filhos.

Certa vez, publicou-se o resultado de estudos de um biólogo famoso em relação ao comportamento de bebês recém-nascidos. Ele analisou o comportamento de alguns animais no primeiro dia de suas vidas e comparou-os com a conduta de um ser humano em seu primeiro dia de vida. O cientista percebeu, entre outras coisas, que pela constituição e força motora da criança, esta necessitaria de mais um período de gestação para que chegasse ao nível de um animal recém-nascido.

A conclusão do biólogo foi que faltariam em torno de mais nove meses de gestação para que a criança recém-nascida atingisse um desenvolvimento equivalente ao dos animais estudados.

Um animal recém-nascido é muito mais independente que um bebê. No dia em que os animais nascem já são muito ativos e podem até sair andando. Um gato recém-nascido já consegue pular! Um cavalo também. Entretanto isso não acontece com os bebês! E a cada pequeno novo gesto, cada sorriso, os pais se surpreendem, admiram-se e deleitam-se. Somente depois de um ano a criança atinge uma situação de atividade equivalente à dos animais no primeiro dia de vida.

O autor destes estudos concluiu uma realidade, que já

fora analisada por nossos sábios de abençoada memória. Nesse contexto, nossos sábios comentam que há algo muito importante e singular na criação do homem. Para entender esse conceito, analisemos, primeiramente, uma particularidade sobre a *mitsvá* de *berit milá*.

D’us ordenou que os pais realizem o *berit milá* em seus filhos. Logo surge a questão: Se a vontade de D’us é que nós sejamos circuncidados, por que Ele já não nos criou circuncisos? A *guemará* relata que algumas personalidades de nossa história nasceram circuncidadas – sem a *orlá* (prepúcio). É evidente que D’us poderia criar todos assim! Por que, então, não o faz?

Nossos comentaristas explicam um detalhe relevante sobre a criação do homem, transmitindo uma lição para toda a vida do *yehudi*. Criando o homem incircunciso, *Hashem* manifestou sua intenção de que o ser humano se aperfeiçoasse cada vez mais durante os anos da sua vida. D’us quis transmitir o conceito de que o homem tem a obrigação de fazer o que lhe cabe, um esforço, para progredir, desenvolver suas virtudes, seus conhecimentos. Esta é a principal diferença entre a criação de um animal e de um ser humano. Provavelmente essa é a conclusão à qual o biólogo um dia chegará.

O mesmo cientista afirmou ainda, que o primeiro ano da vida de um bebê pode ser encarado como uma segunda etapa de gestação. Ele chamou este período de uma “gestação no útero social”. Somente depois dessa fase é que a criança tem condições de “sair” de fato para o mundo. So-

mente então, pouco a pouco, a vitalidade da criança começa a ser mais expressiva; a força motora e os reflexos passam a funcionar de fato.

Nessa segunda etapa de “gestação”, a criança inicia o seu relacionamento com os pais, com os irmãos e com a sociedade de uma forma geral. Já que a finalidade de todo o ser humano é que ele se ambiente na sociedade, *Hashem* não o criou desde o primeiro dia adaptado, com os reflexos já prontos e com a força motora equivalente à dos animais. O animal anda no primeiro dia de vida, e se tivesse a faculdade da fala, falaria também no primeiro dia. Como o ser humano precisa se esforçar para se adaptar à sociedade e carece relacionar-se com outras pessoas, *Hashem* o criou de maneira que ele sai do ventre materno e, de forma gradativa, completa seu desenvolvimento motor no ambiente que ele precisará se aperfeiçoar o resto de sua vida.

Concluimos, a partir disso, que o “calor”, o afeto que os pais proporcionam aos filhos, é muito importante. Visto que o bebê carece ainda de um ano para desenvolver seus reflexos e se ambientar no meio social, ele necessita sobremaneira do “berço” da casa – um lar repleto de calor humano.

Em épocas passadas, havia *kibutsim* em Israel nos quais os bebês eram criados em creches internas. Todos os bebês ficavam juntos e as mães amamentavam os filhos nos períodos necessários. As crianças também dormiam nessas creches. Com o tempo, os moradores dos *kibutsim* perceberam que esse procedimento não era sau-

dável para o bom desenvolvimento natural das crianças. Hoje, nenhum *kibuts* utiliza esse método, e cada bebê mora em sua casa com seus pais. Os *kibutsim* abandonaram essa conduta porque perceberam que o desenvolvimento da criança, quando passa todo o tempo na creche, não é um desenvolvimento normal como o das demais crianças.

Toda criança precisa do calor de seu lar. E esse calor significa o amor que os pais transmitem. Para a criança crescer sadia, necessita de muito amor.

Cabe observar, entretanto, que amar não é mimar. Não podemos confundir amor com licenciosidade. Calor humano não significa consentir que a criança tenha liberdade para fazer o que quiser sem que seja repreendida. A permissividade e os mimos farão com que o filho não mais obedeça aos pais.

PUNIÇÕES

Como são encaradas as punições segundo os critérios judaicos?

Nos capítulos anteriores sobre a educação das crianças, ainda não tratamos desse tema – de castigar ou bater nos filhos.

Muito foi falado sobre aproximar as crianças, sobre demonstrar amor e calor nas relações entre pais e filhos. Mas e sobre bater nos filhos? Seria benéfico este tipo de atitude? Em quais situações?

Esse assunto, sobre punições impostas às crianças com o intuito de bem educar, é polêmico, delicado e muito questionado de uma forma geral. Existe uma concepção sobre o assunto segundo a qual a educação das crianças deve ser baseada em punições. Essa idéia é comum entre pais e, infelizmente, também entre professores.

Em Israel, um diretor de um *talmud Torá*, uma escola para crianças, escreveu um livro intitulado “Quando Punir a Criança”. O Rabino Wolbe leu o livro e verificou que nele também eram abordados muitos outros assuntos importantes sobre educação. Ainda assim, ele criticou o

autor por ter escolhido aquele título. Quem vê o título “Quando Punir a Criança” em um livro sobre educação, pensa que o objetivo do livro é ensinar a punir! E o primeiro enfoque da educação não deve ser quando punir. A punição deve ser o último meio a se recorrer na educação das crianças. Já que este é o último recurso, não pode ser considerado em princípio e não deveria ser, em absoluto, o título de um livro sobre educação.

Por trás da vontade de punir dos pais ressalta seu anseio de governar – o desejo de serem eles os que mandam. Normalmente, o homem imagina que, se ele pode punir, é sinal que domina a situação, que controla os demais. Isso acontece de uma forma geral. Também acontece, particularmente, com os pais em relação aos filhos e com os professores nas salas de aulas.

Certa ocasião, o *Rav Wolbe* estava procurando contratar alguém para assumir o cargo de *mashguíach* da *yeshivá ketaná*. A *yeshivá ketaná* é uma instituição de ensino judaico para rapazes que já terminaram a oitava série – jovens de 14 a 17 anos.

Além dos rabinos que ministram as aulas, toda *yeshivá* possui um ou mais rabinos denominados de *mashguichim*. Os *mashguichim* supervisionam se os alunos estão comparecendo às aulas. Além disso, eles são responsáveis por acompanhar uma série de aspectos da vida do jovem e pelas palestras – “*Sichot*” – ministradas na *yeshivá*.

A função do *mashguíach* na *yeshivá* é primordial. Ele deve acompanhar o desenvolvimento de cada aluno, seja no

âmbito do aprendizado, no emocional, no que diz respeito ao relacionamento com os colegas, com os professores e com os pais. Esse trabalho é de máxima importância nas *yeshivot*. As pessoas que assumem tal posto devem possuir muita capacidade e tato para perceber e tentar resolver os problemas dos jovens. A responsabilidade ainda aumenta na *yeshivá ketaná*, quando se considera o fato de tratar-se de uma idade difícil – a adolescência – para os alunos. Quando um jovem tem algum problema ou alguma dúvida quanto ao seu desenvolvimento emocional ou físico, o ideal é que ele sinta confiança no *mashguíach* e procure-o por iniciativa própria. O *mashguíach* precisa, nessas oportunidades, compreender as necessidades do jovem, tranquilizá-lo, saber explicar o que está acontecendo e como superar as dificuldades. O *mashguíach* também deve estar atento ao desenvolvimento e alterações comportamentais dos alunos para tomar a iniciativa de procurá-los e tentar resolver eventuais problemas. Quando o *mashguíach* percebe que um aluno estudioso não está estudando a contento, por exemplo, ele precisa ter sensibilidade para a situação, procurar o jovem e tentar ajudá-lo.

Quando o *Rav Wolbe* procurava alguém para assumir o cargo de *mashguíach* da *yeshivá ketaná*, apresentou-se um pretendente. Durante a entrevista, aquele senhor perguntou quais seriam exatamente seus poderes na *yeshivá*; qual seria a sua autoridade. O candidato a *mashguíach* queria saber se ele teria a autoridade de expulsar um jovem da *yeshivá* se necessário. Esta foi a sua primeira pergunta. Na-

quele momento, o *rav* percebeu que aquele senhor jamais sairia um *mashguíach*, um educador de fato.

A primeira preocupação de um educador não pode ser seu poder de dar ordens ou seu direito de se fazer obedecer. Será que a autoridade de poder expulsar um aluno garante que o educador é o “chefe”? Se alguém pensa dessa forma, nunca poderia ser o *mashguíach* de uma *yeshivá*. Não poderia ser um educador. Esse tipo de visão é fundamentalmente errado. Embora seja um indivíduo observante das *mitsvot*, com muitas virtudes, não tem tato e conhecimento para ser um educador.

Em relação aos pais, pode acontecer algo muito semelhante à situação exposta acima. Se a preocupação básica dos pais é quando punir seus filhos, isso acaba estragando uma educação sadia. Essa é uma forma distorcida de encarar a educação.

Freqüentemente nós sentimos que possuímos autoridade sobre nossos filhos pelo fato de podermos puni-los. Internamente os pais pensam: “Se eu não posso punir, então eu não mando!”.

Muitas pessoas defendem as surras, baseando-se em um versículo do livro de “Mishlê” (13:24), escrito pelo Rei Shelomô. Segundo esse versículo, quem poupa seu filho de surras, é como se o odiasse: “*Chossech shivtô, sonê venô* – Quem poupa da vara, odeia seu filho”.

Há um outro versículo do Profeta Zecharyá (11:7) que diz: “*Vaer’ê et tson haharegá lachen aniyê hatson*,

vaecach li shenê maclot, leachad caráti nôam ul'achad caráti chovelim vaer'ê et hatson.” Segundo esta passagem, D’us diz, em uma linguagem figurada, que tem dois “cajados” – como os cajados dos pastores. Um deles denominou de “*nôam*” – agradável – e o outro de “*chovelim*” – açoite. Conforme os atos do povo, Ele utiliza um desses cajados.

Portanto, neste versículo, o termo “cajado” foi utilizado em um sentido figurado, expressando o sentido de conduzir, governar.

Da mesma forma, a vara citada no versículo “*Chossech shivtô, sonê venô*” não é necessariamente uma vara de açoite, mas também pode ser uma “vara agradável”. Os pais podem educar os filhos sem pancadas, mas com muito diálogo e esclarecimentos. Esse tipo de recurso na educação também pode ser encarado como uma “vara de educar”. Outra ferramenta, o incentivo às crianças, também é uma “vara”, mas é agradável e não causa dor. Um estímulo como prêmio, uma guloseima, uma boa palavra como recompensa por uma conduta acertada, também é uma forma de educar.

Não se pode avaliar o quanto as surras são prejudiciais para as crianças! O *Rav Eliyáhu Lupian zt”l*, autor do livro “*Lev Eliyáhu*”, foi o *mashguíach* da *yeshivá* de Kefar Chassidim. Ele sempre ressaltava o fato de que devemos tratar as crianças com “*dêrech tová*” – de maneira agradável. Em sua velhice, ele afirmou arrepende-se de todas as vezes que eventualmente batera nos filhos. O *Rav Lupian* ti-

nha onze filhos. Alguns deles tornaram-se grandes diretores de *yeshivot*.

O pecado de uma pessoa bater nos pais é encarado pela *Torá* rigidamente, conforme o versículo (Shemot 21:15): “*Umakê aviv veimô mot yumat*”. Sabemos também ser proibido motivar situações que propiciem um pecado, conforme o versículo (Vayicrá 19:14): “*Velifnê iver lô titen michshol* – Perante um cego não coloques obstáculo” – ou seja, não se pode criar a chance para que alguém venha a pecar. Assim, quando uma criança já está em idade de revidar uma agressão, mesmo antes do *bar mitsvá*, é proibido que os pais batam nela. Colocando este “obstáculo” perante a criança, dando-lhe a chance de bater nos pais, os pais cometem essa proibição. Portanto, a partir do momento que se sente que a criança pode revidar a uma surra, segundo a lei judaica já não se pode mais bater nela.

Em nossos dias, quando batem em uma criança de apenas três anos, já é possível que os pais estejam infringindo este mandamento. Isso porque, com esta idade, ela já esboça uma reação de revide. É comum observar que uma criança que recebe um tapa quer dar outro de volta. Por ser muito pequena, pode não alcançar o rosto do pai, mas ela estica a mão. A consequência pode ser apenas um gesto, mas é uma reação clara de alguém que quer bater. Ou seja, fica caracterizada uma situação de rebeldia, que deve ser levada em consideração.

Nas gerações anteriores a situação era muito diferente. Nem passava pela cabeça de uma criança de três anos

levantar a mão para o pai. As crianças possuíam maior capacidade de tolerar as advertências que as de hoje. Os adultos também tinham uma capacidade maior de assimilar os problemas. A personalidade das crianças era mais forte. Antigamente não era prejudicial para elas quando apanhavam um pouco. Mas hoje, todo ambiente, a atmosfera de uma forma geral é de rebeldia no mundo todo.

Portanto, se antigamente as surras, até determinada proporção, eram benéficas, hoje a situação é outra.

Quando alguém educa ou reprime seus filhos com pancadas, pode estar prejudicando-os sobremaneira. O relacionamento entre pais e filhos pode ficar abalado com isso. Quando estas crianças crescerem, poderão simplesmente se recolher, se fechar em relação aos pais. Aí já será muito tarde para criar uma atmosfera de relacionamento positivo entre pais e filhos.

Apesar de tudo, certamente há algumas situações que fogem à regra. Consideremos um momento de extrema tensão no lar, por exemplo, quando há muitas crianças pequenas na casa e já está na hora de elas irem dormir. Digamos que estas crianças estejam agitadas, correndo, fazendo bagunça, e que não querem atender à ordem da mãe para ir dormir. Num caso desses, quando a mãe está cansada e não vê outro recurso, ela dá algumas palmadas nas crianças para estabelecer a ordem e se faz o silêncio. Essa situação é “emergencial” para uma mãe. Não é sobre esses casos esporádicos que nos referimos. No entanto, fazer das surras uma regra de conduta – a base da educação – isso é extre-

mamente negativo e prejudicial para as crianças.

Mesmo neste contexto, quando algumas palmadas são justificáveis, é importante salientar o que determina o *Rav Moshê Feinstein zt"l*. Ele explica que no momento em que os pais estão descontrolados, alterados pelo nervosismo, é totalmente proibido bater nos filhos, mesmo em uma situação “emergencial” como a que citamos. Se alguém bate no filho quando está nervoso, está simplesmente descarregando uma tensão pessoal sobre a criança.

Portanto, se algumas palmadas são justificáveis em um determinado momento, se os pais o fazem para educar os filhos, se a finalidade exclusiva é mostrar para as crianças que a atitude delas não foi correta, se o fazem de uma forma equilibrada, se não perdem a cabeça em nenhum momento, aí sim, como último recurso, há essa possibilidade.

Para deixar evidente o quanto o *Rav Wolbe* desaconselha as surras, apresentamos, a seguir, o que ele escreve em seu livro “*Alê Shur*” (vol. II, pág 219). No capítulo referente à virtude da paciência, ele resume como encara as surras e as repreensões:

“Quanta tolerância é necessária na educação das crianças! Não haveria papel suficiente para descrever todos os detalhes de quanto é necessário ter paciência e calma na educação dos filhos. Aqui não cabe discutirmos dúvidas sobre educação. Apenas esclarecemos que com gritos e tapas não se educa! Coitados dos pais cujas preocupações em relação à educação se resumem na pergunta ‘Quando se deve bater nos filhos...’. Digna de lástima é esta educação!

Somente com tolerância ilimitada, podemos conseguir que a criança reaja conforme o esperado e que a orientação seja baseada na sua natureza e nas suas faculdades de percepção, para que possamos cumprir ‘*chanoch lanáar al pi darcô* – ensina a criança conforme suas possibilidades’.”

Outras Obras do Autor

Pessach e Suas Leis (2ª edição)

Trata dos seguintes assuntos: leis ligadas ao mês de *nissan*, leis da venda e vistoria do *chamets*, regulamentos para a véspera de *Pêssach* que cai num *Shabat*, leguminosas em *Pêssach*, o *Sêder* de *Pêssach*, *casherização* de utensílios e leis de *Sefirat Haómer*.

Ner Lehaim (3ª edição)

Assuntos relacionados com leis de *avelut* (luto).

Nos Caminhos da Eternidade (2 volumes)

Uma abordagem sobre as *parashiyot* e festas judaicas. Contém passagens do *midrash* e de obras básicas da cultura judaica. Disserta-se sobre os princípios básicos do judaísmo e sobre as virtudes do homem.

Shomer Shabat

Um resumo prático das leis referentes ao dia do *Shabat*.

Vaani Tefilá

Para os que desejam se aperfeiçoar em suas orações. São comentados os fatores primordiais para que a oração atinja níveis elevados. Também traz leis sobre *tefilin*, regras gramaticais do *Lashon Hacôdesh* e tabelas de horários judaicos.

Vaani Avarechem

Explicações gerais e leis de *Bircat Cohanim* – a bênção que os *cohanim* recitam para toda a congregação – e *tum'at cohanim* – leis especiais da proibição de impurificação aplicadas exclusivamente aos *cohanim*.

Rosh Hashaná, Yom Kipur e Sucot

Quarenta e três capítulos abordam as leis referentes ao mês de *elul*, a *Rosh Hashaná*, *Yom Kipur*, *Sucot*, *Shemini Atsêret* e aos *yamim tovim* em geral.

Pequeno Guia de Rosh Hashaná

Translitterações e comentários das principais preces de *Rosh Hashaná* segundo o rito *sefaradi*.

Yom Kipur

Translitterações e comentários das principais preces de *Yom Kipur* segundo o rito *sefaradi*.

Pequeno Guia de Orações

Translitteração e tradução das seguintes orações: *Barechu*, *Shemá Yisrael*, *Nacdishach*, *Kêter*, *Bircat Cohanim* e *Cadish Derabanan*.

Hagadá de Pêssach (4ª edição)

Texto em hebraico, transliterado e traduzido segundo o rito *sefaradi*. Comentários, leis e costumes do *Sêder* de *Pêssach* para *sefaradim* e *ashkenazim*.

Comentários Sobre Purim e Meguilat Ester Transliterada

Leis e costumes de *Purim*. Leis, ensinamentos e translitteração da *Meguilat Ester*.